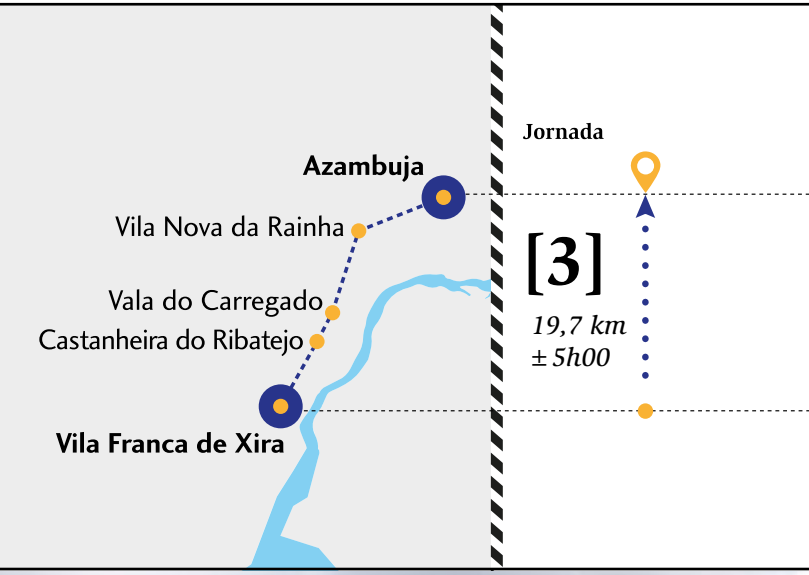

➛ 39°1'16" N 8°57'1" W

Jornada 3 | ESTEIROS E VALADAS

Vila Franca de Xira ➻ Azambuja

Entre **Vila Franca de Xira** e **Azambuja**, podem ser percorridos cerca de **19,7 km** em aproximadamente **5 horas**.

O percurso é emoldurado, a nascente, pela característica paisagem da **Lezíria do Tejo**, sulcada por esteiros e valadas, onde se erguem freixos e canaviais. A poente, a moldura é desenhada pelas serranias, onde emergem pinheiros e sobreiros.

Ao longo desta etapa, natureza e paisagem envolvem-nos. Poderemos mesmo percorrer uma parte da Vala do Carregado, tal como depois a Vala Real da Azambuja, onde a proximidade da água é marcante. Mas a paisagem urbana histórica também apresenta motivo de contemplação, nomeadamente os núcleos junto das velhas quintas e o património cultural edificado das aldeias e vilas, como Vila Nova da Rainha e Azambuja, onde as igrejas e equipamentos culturais são elementos de referência essencial.

Neste dia, continuará a descobrir o território envolvente da margem norte do Tejo, emoldurado pelas serranias a poente. Nos campos, sulcados por valados, predominam as culturas de regadio. Depois das colheitas, o gado desce das encostas para se alimentar e aproveitar a resteva. Ao longo do **dique do Tejo** surgem freixos,

➻ 38°57'40" N 8°58'47" W

canas e lírios-de-água amarelos e, nas encostas e serranias, avistam-se pinheiros-bravos e pinheiros-mansos.

Pode organizar a sua caminhada com marcha lenta e as devidas paragens, necessárias para a contemplação que o percurso merece. O caminho é fácil, mas exige alguma atenção e sentido de orientação. Por isso, voltamos a recomendar a cartografia pormenorizada, facilmente acessível. Sugerimos uma caminhada dividida em três troços, com paragens entre cada um deles.

Para sair da cidade de **Vila Franca de Xira,** dirija-se ao **Jardim Municipal** (Jardim Constantino Palha). Em passo moderado, pode fazer o primeiro troço entre este Jardim e a Vala do Carregado. Tem uma distância a percorrer de 6 km que pode durar cerca de 1 hora.

Saindo do **Jardim Municipal de Vila Franca de Xira**, avance e passe sob a **ponte Marechal Carmona**, tomando a direção de **Castanheira do Ribatejo** e **Carregado**.

Aqui, o Caminho apresenta diversidade de paisagem natural e de periferia urbana. O destino é **Vala do Carregado**, onde encontra locais adequados para descanso e pequenos cafés. Pode ficar a conhecer a Vala do Carregado e o seu enquadramento no sistema hídrico do Tejo e na ligação com outras povoações ribeirinhas.

A partir da **Vala do Carregado** pode iniciar o segundo troço desta caminhada e percorrer 4 km durante cerca de 1 hora até chegar a **Vila Nova da Rainha**. O Caminho desenha-se ao longo da estrada, bem ensombrada, acompanhando a **Vala**.

Se fizer um pequeno desvio, pode conhecer algum património cultural do **Carregado**. Este é um dia calmo que lhe permite ajustar a sua caminhada. Assim, junto da **Central Termoelétrica do Carregado**, bem visível com as suas imponentes chaminés, sugerimos-lhe que faça um desvio até ao **Carregado**, pela importância do seu património paleontológico e arqueológico. Propomos-lhe uma visita à **Quinta da Condessa**, fundada em finais do século XVII, sob o nome de Prazo do Mestre ou Quinta do Carregado. Foi sua fundadora a condessa da Lousã, D. Mariana Joaquina de Basto Barém (filha de Luís António de Basto Barém, alcaide-mor da vila de Linhares, que aqui instituíra um morgadio, em 1715). Integra a **Capela de São Sebastião**, mandada erguer por Manuel Correia de Meneses Barém e sua mulher, D. Joana de Távora, em 1669. Em 1877, a Quinta foi adquirida pela família Pinto Barreiros e transformou-se numa importante ganadaria.

Na vila do **Carregado**, junto à Estrada Nacional, poderá ainda visitar a **Quinta de Santo António**, construída em finais do século XIX pela família Vaz Monteiro, cuja ganadaria se estreou em 1848.

O património municipal classificado inclui também a **Quinta do Campo**, pertencente ao Marquês de Castelo Melhor e ao Visconde da Várzea. Pode ainda dirigir-se à **Igreja Paroquial de Nossa Senhora de Fátima**, inaugurada em 1956, após a dissolução da paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Cadafais, apresentando-se como um novo centro de manifestação cristã.

De volta à Central Termoelétrica, prossiga em frente, pela berma do lado esquerdo de uma estrada alcatroada, com algum trânsito que exige atenção redobrada. Assim, chegará a **Vila Nova da Rainha**.

Vila Nova da Rainha é historicamente documentada desde o século XIII. Em 1375, o rei D. Fernando, que aqui chegou a passar algum tempo, deu carta de privilégio aos moradores, concedendo jurisdição e termo próprio à Vila. Alegria que sairia fortalecida, porque nesse ano concretizaram-se os esponsais entre D. Nuno Álvares Pereira e Dona Leonor de Alvim, na **Igreja de Santa Marta**, atual matriz. O templo, com fachada rematada por uma cruz e enquadrada por uma torre lateral, ergue-se numa pequena colina. Em 1916, foi fundada em Vila Nova da Rainha a primeira Escola de Aeronáutica Militar.

O PORTO DE VILA NOVA DA RAINHA teve um papel muito importante na circulação de pessoas e bens e foi também gerador do desenvolvimento do próprio núcleo urbano. Durante a Idade Média, mas sobretudo a partir do século XVI, afirmou-se como um centro de distribuição e circulação de pessoas e bens e foi ganhando importância no contexto nacional e regional.

Ao cais fluvial chegavam e partiam pessoas e bens provenientes de várias partes do país, nomeadamente da capital, que sulcavam o Tejo e os seus afluentes e canais, nos caraterísticos barcos de lazer e de transporte. Destacam-se populações, peregrinos e viajantes, que aqui desembarcavam para continuar os seus itinerários por estrada para cidades e vilas da região do Oeste, nomeadamente para a importante vila de Caldas da Rainha, fundada em 1511, a partir da construção do seu Hospital Termal em 1485, pela rainha D. Leonor.

O porto articulava-se com o itinerário da **Estrada Real**, um importante eixo de circulação no sistema viário nacional que se implementou desde o final do século XV, para as deslocações da corte no território nacional. Deste sistema viário persistem ainda os caraterísticos marcos, com sinalização e a indicação das distâncias.

Depois de uma pausa nesta localidade, deixe **Vila Nova da Rainha** e siga para a vila de **Azambuja**. A distância de 7 km demorará cerca de 1 hora e 30 minutos a percorrer. Deverá sair de **Vila Nova da Rainha** apanhando novamente a Estrada Nacional para norte, em direção à **Azambuja**. É uma estrada com muito movimento, mas com bermas largas, onde é possível caminhar com alguma segurança, sempre do seu lado esquerdo.

Depois de andar pouco mais de 1 km, encontrará a **Quinta das Cabanas da Rainha**, uma propriedade privada que se destaca pelos importantes revestimentos azulejares, dos séculos XVII ao XX, que decoram os interiores da casa de habitação.

39°1'40" N 8°56'35" W

Continuando o seu percurso, chegará à **Azambuja**, cuja história remonta ao período de formação do reino de Portugal e da reconquista e organização do território. Na origem, foi *Oleastrum* do Império Romano e acabaria por chamar-se *Azz-Abuja* no período muçulmano. Reconquistada aos mouros por D. Afonso Henriques, foi doada por D. Sancho I ao cruzado Childe Rolim, filho do conde de Chester, em 1200, pelos seus auxílios durante o cerco de Lisboa.

Justifica-se uma paragem para visita a alguns monumentos. Comece pela **Igreja Matriz**, cuja origem remonta ao século XIII, numa época em que a povoação teve estatuto de "vila franca". Dedicada a Nossa Senhora da Assunção, é um edifício dos séculos XVI, XVII e XVIII com painéis de azulejos e talha barroca no interior. Junto da Igreja, na **Praça do Município**, fica o **Pelourinho manuelino**, assinalando o foral dado pelo rei D. Manuel I em 1513.

➻ **39°4'10" N 8°52'7" W**

➻ **39°4'9" N 8°52'6" W**

O edifício da **Misericórdia** tem origem no primeiro hospital, fundado em 1304 por Pedro Estevães do Sobral e sua mulher, Esteva Fernandes. Este hospital acabaria por ser entregue à Irmandade do Espírito Santo, que edificou uma capela para os ofícios religiosos. Em 1552, os Irmãos decidiram instituir a Irmandade de Misericórdia, ficando com a responsabilidade dos edifícios associados à saúde e à assistência.

Em meados do século XVI, o templo foi reconstruído, relevando-se a simplicidade das linhas clássicas das suas fachadas. No interior, destacam-se elementos artísticos de grande erudição, como a azulejaria, os revestimentos de talha dourada e as pinturas retabulares sobre madeira, designadamente a **"Árvore de Jessé"** do altar de Nossa Senhora do Rosário, executado em 1595 por Simão Rodrigues, e a pintura a óleo **"Calvário"**, no altar do Senhor Jesus das Chagas, atribuída a André Reinoso, do início do século XVII.

No final desta caminhada, poderá pernoitar e retomar energias nesta vila onde tem todas as estruturas de acolhimento. Ficará retemperado para prosseguir mais uma jornada e talvez motivado para voltar e descobrir o território do **município da Azambuja** que preserva um importante património civil e religioso, disperso pelas suas freguesias. Neste âmbito, é motivo de retorno para visita demorada e atenta o **conjunto monumental de Pina Manique**, inserido nos modelos da arquitetura e do urbanismo de matriz pombalina, associados aos ideais do Iluminismo.